

I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



PROFESSOR(A) SURDO(A) E ALUNO(A) SURDO(A): INCLUSÃO E AULAS REMOTAS DURANTE A PANDEMIA

Francieli Giza¹;

Rivael Mateus Fabricio²;

Naiara Letícia Valentini³

O Bilinguismo, como proposta para a Educação Brasileira de Surdos, surgiu na década de 1990 e tem como cerne a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua (L2) para os surdos (AVELAR; FREITAS, 2016). Nos dias atuais, sabemos que o bilinguismo é um assunto de extrema relevância e que tem sido muito discutido na área da surdez (QUADROS, 2005; STUMPF, 2006; FERNANDES, 2012). Na educação bilíngue e na inclusão dos alunos surdos em classes regulares, é preciso que o currículo escolar seja adaptado, primando pela modalidade visual e garantindo aos alunos surdos o acesso às vivências escolares, com domínio dos conteúdos e com fluência na Língua de Sinais e na Língua Portuguesa em sua modalidade escrita. Desse modo, o ensino bilíngue na educação tem um importante papel na preparação do aluno surdo para a sua atuação na sociedade enquanto cidadão, uma vez que busca o desenvolvimento das competências linguístico-comunicativas, a aquisição da linguagem, a construção da identidade surda e a sua inserção na sociedade como um todo, fazendo com que ampliem sua consciência enquanto indivíduos e que atuem de forma autônoma e crítica diante das mais diversas situações.

A inclusão é um direito do aluno surdo (DECRETO Nº 5.626/05), assim como ter professores surdos ao longo de seu aprendizado, já que ambos se vinculam por uma língua natural como L1, contribuindo para os processos de interação, de socialização, de comunicação e de compreensão. Nesse contexto, na escola inclusiva na Sala de Recurso Multifuncional -

¹ Especialista em Docência do Ensino Superior com Metodologias Ativas do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz – Campus Toledo – Paraná. Professora de Libras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/Toledo-Paraná. E-mail para contato: francieli.giza@unioeste.br.

² Mestre em Linguística da Universidade Federal da Santa Catarina. Professor de Libras pela Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS/Chapecó - Santa Catarina. E-mail para contato: rivael.fabricio@uffs.edu.br.

³ Mestra em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul. Tradutora Intérprete de Libras pela Universidade Federal da Fronteira Sul/Chapecó - Santa Catarina. E-mail para contato: naiara.valentini@uffs.edu.br.

REALIZAÇÃO



PARCERIA

**Curso de
Pedagogia**



**Programa de
Pós-Graduação
em Educação**



I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



Surdez, o professor surdo deverá adaptar o currículo escolar em um aspecto visual, valendo-se de instrumentos de comunicação que auxiliam na observação e na avaliação do aluno surdo no dia a dia, acompanhando seu progresso, principalmente na comunicação em Língua de Sinais, na leitura e na escrita. Nesse sentido, Quadros (2019, p. 168) afirma que “[...] os professores surdos desempenham um papel fundamental para concretizar relações constituidoras das crianças surdas ao longo de seu desenvolvimento linguístico e sociocultural.”

Atualmente, estamos vivenciando um momento de pandemia devido à propagação mundial do Coronavírus (COVID-19), o que acarreta em mudanças significativas no ensino e na aprendizagem, bem como nas relações que constituem o ambiente escolar. As aulas passaram a ser ministradas remotamente, resultando na ampliação de dificuldades vivenciadas por alunos e professores surdos. Com este novo desafio, o ensino remoto, é preciso que os indivíduos lidem também com as diferentes emoções durante o período de isolamento social, além de ser necessário que os professores se adaptem e utilizem ainda mais a tecnologia a favor dos estudos. Os obstáculos enfrentados pelos profissionais são inúmeros, entre eles estão o atendimento aos alunos em horários estendidos devido às dificuldades de compreensão dos conteúdos resultantes das limitações enfrentadas com as aulas virtuais, uma vez que a Libras é uma língua de modalidade visual e que demanda a utilização de expressões faciais e corporais, fazendo com que as interações dos alunos com seus colegas e professores sejam ainda mais requisitadas.

Nesse momento, é preciso que o professor se reinvente e que lance mão de todos os recursos disponíveis para atender seus alunos. É imprescindível que utilize diversas metodologias e que realize as adaptações necessárias para que o aluno(a) surdo(a) apresente melhor aproveitamento no processo de ensino-aprendizagem. Desta forma, além da estruturação de aulas habitual, que é baseada na Libras como modalidade visual e na Língua Portuguesa na modalidade escrita e na leitura, nas atividades remotas para alunos(as) surdos(as) é possível que postagens de vídeos em Libras substituam ou complementem, algumas vezes, a escrita do português. Isso pode acontecer devido ao fato de que nem todas as famílias de alunos(as) surdos(as) sabe e/ou utiliza a Libras como meio de comunicação e de interação com as crianças e com os jovens surdos, amplificando as dificuldades durante a aprendizagem, principalmente no ensino remoto.

O presente trabalho caracteriza-se como um ensaio e teve como base as experiências vivenciadas pelos autores no contexto em questão. O objetivo é analisar e descrever alguns

I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS

impactos que a pandemia de COVID-19 tem causado no ensino bilíngue e que vem emergindo de modo recorrente tanto na fala de professores quanto na fala de alunos, seja em eventos ou em momentos em que solicitam ajuda para a adaptação de seus materiais e para a busca de soluções para novos obstáculos que vão surgindo no decorrer das atividades nesse contexto.

Entre os impactos expostos pelos alunos estão a falta de adaptação de materiais, a janela do intérprete muito pequena, mensagens de voz, músicas, vídeos sem legenda e/ou com legenda pequena e/ou com legenda automática (nem sempre a legenda automática é condizente com o conteúdo da fala, interferindo na informação que chega até o surdo). Fatores como esses comprometem a acessibilidade do conteúdo para os(as) alunos(as) surdos(as), fazendo com que enfrentem ainda mais dificuldades na construção de conhecimentos e na interação, tanto com os professores quanto com os colegas.

No que se refere aos professores, a organização das atividades para desenvolver as suas estratégias para o ensino de Libras como L1 e da Língua Portuguesa como L2 pode acontecer por meio do uso ferramentas tecnológicas digitais, como por exemplo o Google Classroom, salas virtuais de reunião, calendários online, Youtube, videoaulas, plataformas de e-mails, Google Drive e formulários virtuais. Ferramentas como essas podem ser utilizadas para não só apresentar os materiais e os conteúdos, mas também para aproximar professores e alunos. No entanto, entre as dificuldades encontradas estão a qualidade da adaptação dos materiais, uma vez que performance em Língua de Sinais demanda não só o a fluência na mesma, mas também interações expressivas entre os indivíduos, e as condições de acesso dos alunos às tecnologias disponíveis, já que nem todos tem acesso à internet ou aos equipamentos necessários para garantir o acesso aos conteúdos escolares.

Quadros e Schmidt (2006) ressaltam que existem diversos recursos que podem ser utilizados em favor do ensino de surdos e destacam que um dos principais é a criatividade do professor. Contudo, é preciso que seja oferecido o suporte adequado aos professores e aos alunos surdos. A falta de acesso às tecnologias tem sido solucionada com a entrega periódica de materiais impressos aos alunos em geral, porém, esses materiais impressos não suprem a necessidade de materiais visuais para os alunos surdos, já que a Língua de Sinais é também composta por movimentos e as imagens estáticas que são impressas não são garantia de que os alunos surdos compreendem os sinais e os conteúdos.

I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



A partir do que foi abordado, observamos que as aulas remotas evidenciaram ainda mais a necessidade de garantirmos a acessibilidade aos alunos e aos professores surdos, uma vez que estes não trabalham apenas com alunos surdos, mas também com alunos ouvintes. É preciso que sejam disponibilizados não apenas ambientes virtuais com janelas de intérprete, mas também subsídios para que possam colocar em ação diferentes estratégias de ensino e de aprendizagem, priorizando a Libras como L1, seja na aquisição linguística ou em seu uso para o acesso aos conteúdos escolares. É imprescindível que os profissionais compreendam as diferentes realidades vivenciadas pelos alunos nesse momento de pandemia, pois além das dificuldades relacionadas aos conteúdos e às tecnologias, ainda podem haver aspectos emocionais interferindo nessa relação dos alunos com os conteúdos, uma vez que o distanciamento social pode (ou não) provocar angústias ou outras sensações negativas. É fundamental que todos busquem as ferramentas mais adequadas para suprir as demandas educacionais nesse momento, procurando sempre incentivar os alunos a desenvolverem estratégias que os auxiliem na construção de conhecimentos, sejam eles escolares ou não, visando sempre a formação integral do indivíduo para uma atuação crítica e autônoma dentro da sociedade na qual está inserido.

Palavras-chave: Inclusão; Surdez; Pandemia; Bilinguismo.

REFERÊNCIAS

AVELAR, Thaís Fleur; FREITAS, Karlla Patrícia de Souza. **A importância do português como segunda língua na formação do aluno surdo**. Revista Sinalizar, Goiás, v.1, n.1, p. 12-24, jan./jun 2016.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 03 dez. 2020.

FERNANDES, Eulália (Org). **Surdez e Bilinguismo**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.

QUADROS, Ronice Müller de. O ‘Bi’ em bilinguismo na educação de surdos. In E. Fernandes (org.) **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre, RS: Editora Mediação, 2005, 26-36.



I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, Ronice Müller de.; SCHMIDT, Magali. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

STUMPF, Marianne Rossi. **Práticas de Bilinguismo – relato de experiências**. Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.285 – 291, 2006.

REALIZAÇÃO



GRUPO DE PESQUISA EM
POLÍTICAS E PRÁTICAS DE INCLUSÃO
UFFS

PARCERIA

**Curso de
Pedagogia**



**Programa de
Pós-Graduação
em Educação**

